Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba
Ano VIII • n. 336 • Uberaba/MG • Agosto de 2007

UNIUBE
Educação e responsabilidade social

Uma cidade doente

Pesquisa inédita revela dados assustadores sobre a saúde dos uberabenses

págs 8 a 11

Amor não tem *pedigree*

Curso de Veterinária incentiva adoção de cães abandonados

pág. 4

Circo da Saúde

Estudantes de Medicina levam esperança às crianças hospitalizadas

pág. 5

Alunos de Comunicação conquistam prêmio nacional pág. 3

issuu-downloader.com

●●● Impressões pessoais

A Venezuela de dentro

Pedro Perassi
6º período de Jornalismo

Certo dia fui convidado para participar de uma conversa com dois jornalistas venezuelanos que moraram no Brasil e hoje vivem na terra de Chavez. Tratava-se do Doutor em Ciências da Comunicação, Ádrian Padilla, e de Norah Gamboa Vela, ambos professores universitários.

Conhecia os entrevistados apenas por nome, pois deram aula para alguns colegas na Universidade de Uberaba, antes de voltarem para a Venezuela. Entrei na sala com aquele ar de "vamos ouvir alguém falar mal do Hugo Chavez e, por tabela, do Lula", sentei-me no fundo e fiquei esperando pelo casal de professores. A platéia era pequena, apenas alguns alunos e professores do curso de Jornalismo, cerca de trinta pessoas, no máximo.

Os convidados chegaram e foram devidamente apresentados por um professor da Universidade. Em seguida, Ádrian começou a fazer uma pequena introdução histórica da situação venezuelana. Logo meu interesse por sua fala foi aumentando, pois reviveu em minha memória algumas aulas de História, nas quais aprendia sobre Simon Bolivar, o libertador da América Latina. "A Europa destruiu a cultura latino-americana, mas existe uma resistência", afirmou o professor, antes de começar a falar sobre o atual presidente venezuelano.

O jornalista falou da trajetória de Chavez até o poder e trouxe dados que eu, vergonhosamente, desconhecia por completo. Segundo ele, a Venezuela foi governada pela elite ao longo dos anos, mergulhada em um modelo liberal dominado pelas empresas norte-americanas controladoras do petróleo e por um número reduzido de famílias. Esse modelo de República sofreu um desgaste muito grande na opinião pública, reforçado por movimentos sociais contra a estreita e dominadora relação com os Estados Unidos. Em 1998 Chavez foi eleito com 56% dos votos, após uma vasta campanha de revitalização da pátria e da cultura venezuelana.

Desde então, uma série de tentativas de tirá-lo do poder vêm sendo frustradas pela opinião pública. Para Ádrian, existe, na Venezuela, uma forte oposição da mídia ao presidente. "Quando vão dar uma notícia sobre Chavez na televisão, colocam ao fundo a música do filme *O Exorcista*".

Em 2000, por meio de novas eleições, exigidas pela oposição, Hugo Chavez se reelegeu. Dois anos mais tarde a imprensa venezuelana apoiou um golpe para depor o Presidente, porém, o movimento não se sustentou e Chavez voltou ao poder em dois dias. Em 2003, a oposição conseguiu, amparada pela constituição, convocar um referendo para votar a continuidade de Chavez na presidência. Mais uma vez, a votação popular foi favorável a Chavez e ratificou seu mandato.

Captura de Tela (Imagens: Renê Vieira)

Os professores venezuelanos Norah Vela e Adrian Padilla concederam uma entrevista ao programa Fábrica

Com base nessas informações, comecei a mudar a visão que tinha do, até então, "ditador" venezuelano. Logo começaram a surgir dúvidas a respeito da tão falada censura e Ádrian passou a palavra para Norah. "A grande mídia toda trabalha assim: ou você segue a linha do veículo ou você é mandado embora. Essa linha é sempre se opor ao governo". A professora disse que há uma inversão do conceito de censura, pois ela é, na verdade, imposta pela grande mídia, que não permite o direito de expressão.

Em contrapartida, têm nascido grandes centros de mídia popular com o apoio governamental. Nesses meios, a liberdade de expressão é exercida diretamente pelas comunidades que se organizam para manter os pequenos veículos que surgem. "O governo dá apoio econômico e técnico para que as comunidades abram sua própria rádio ou seu próprio jornal que atende aos interesses exclusivamente da comunidade".

Sobre a polêmica perda de concessão da RCTV, Ádrian ressalta fato de ter sido ela a grande articuladora do golpe de 2002 e ressalta que "o canal não foi fechado, ele continua operando a cabo". Resolvi, então, perguntar sobre a opinião dos convidados a respeito das informações que chegam ao Brasil e ao mundo sobre a Venezuela e, mais especificamente, sobre Hugo Chavez. Ádrian afirma que tudo que é transmitido fora do país é apenas reflexo daquilo que veicula a grande mídia anti-Chavez. "Os veículos internacionais apenas copiam as matérias veiculadas pela grande mídia venezuelana sem se preocupar com o conteúdo".

Por fim, fiquei com aquele gosto amargo de não conhecer nada a respeito do assunto, a sensação de ter uma opinião formada sem nenhum fundamento, apenas especulações. A conversa com os jornalistas venezuelanos despertou em mim grande interesse por aquele país e me motivou em uma busca por informações a respeito dele e de seu governante. Hoje percebo que o que Chavez está fazendo na Venezuela é exatamente aquilo que todos nós gostaríamos que fosse feito no Brasil, além de lutar pelo fortalecimento da América Latina como um todo, revitalizando-a econômica, política e socialmente.

Revelação - Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Uniube • Reitor: Marcelo Palmério ••• Pró-reitora de Ensino Superior: Inara Barbosa ••• Coordenador do curso de Comunicação Social: Raul Osório Vargas ••• Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar ••• **Revelação** • Professor orientador: André Azevedo da Fonseca (MTB MG-09912JP) ••• Produção e edição: Alunos do 3º período de Jornalismo ••• Estagiária (diagramação e edição): Graziella Tavares ••• Revisão: Márcia Beatriz da Silva e Celi Camargo ••• Impressão: Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação** • Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Sala 2L18 - Av. Nene Sabino, 1801 - Uberaba - MG - 38055-500 • Telefone: (34) 3319 8953 ••• E-mail: revela@uniube.br

issuu-downloader.com

●●● Entre os melhores do Brasil

Alunos de Comunicação são premiados em Santos

Estudantes conquistam quatro premiações nacionais e duas indicações à Expocom Mercosul

Da redação

Quatro trabalhos produzidos por alunos de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) foram premiados na "Expocom Nacional", a principal competição universitária na área de Jornalismo, Publicidade & Propaganda e Relações Públicas do país. Os alunos receberam os prêmios durante o 30º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) entre 29 de agosto e 2 de setembro, na cidade de Santos (SP).

O vídeo-reportagem "Aruanda: o Ritual Sagrado", de Rodrigo Antônio Matos, Bruna Belela, Luís Antônio Costa Junior e Soraya Borges; e a caricatura "RAFA, de Malhação", de José Adolfo da Silva Júnior, conquistaram o primeiro lugar nas suas categorias. O vídeo-minuto "Sinais", de Laura Facury e Luis Felipe Pimenta; e a charge "Lula e Bush em Brokeback Mountain", de Rogério Maruno Mesquita, conquistaram o segundo lugar. Os trabalhos foram orientados pelos professores André Azevedo da Fonseca e Celi Camargo, que também foram premiados pela orientação. Os trabalhos que conquistaram o primeiro lugar já são finalistas na"Expocom Mercosul", uma mostra internacional que reunirá o que há de melhor na produção universitária do bloco de países latino-americanos.

Luís Antônio Costa Jr. e Rodrigo Matos conquistaram o primeiro lugar na categoria vídeo-reportagem

Viviane dos Santos

Alunos de Comunicação Social comemoram a premiação dos quatro trabalhos vencedores na Expocom Nacional

O que dizem os profissionais

Para o professor André Azevedo, essas premiações são uma medida da alta qualidade dos estudantes de Comunicação da Uniube. "O fato de nossos alunos estarem entre os melhores do Mercosul não surpreende, pois nós vemos essa qualidade diariamente em sala de aula." A professora Celi Camargo observa que esses resultados incentivam ainda mais a produção acadêmica dos alunos e fazem com que o curso da Uniube alcance destaque nacional. "Isso é o reconhecimento de nosso trabalho com os estudantes. E é muito importante que os bons resultados obtidos no cenário acadêmico sejam levados para o mercado, não só de Uberaba, mas de todo o Brasil."

Os trabalhos premiados na Expocom Nacional já são finalistas na mostra internacional, a Expocom Mercosul, que reúne o melhor da produção acadêmica do bloco de países latino-americanos.

Para o coordenador do curso de Comunicação da Uniube, Raul Osório Vargas, as mudanças ocorridas na Expocom deste ano acirraram a disputa e revelaram muitos talentos regionais. "Os alunos tiveram que fazer reflexões teóricas sobre os seus trabalhos e isso foi um diferencial muito importante para estimularmos o pensamento crítico sobre a produção de mídia. E é importante lembrar que, mais uma vez, concorremos com as melhores universidades do Brasil e conquistamos quatro prêmios. Isso é o resultado de um esforço coletivo para incentivar a criatividade de nossos alunos e para construir, junto com eles, um curso de qualidade."

issuu-downloader.com

●●● Cachorro também é "gente"

Amor não tem *pedigree*

Curso de Veterinária incentiva adoção de cães abandonados no Campus e esclarece sobre os cuidados necessários à saúde dos animais

Paulo Fernando Borges
2º Período de Jornalismo

É cada vez mais comum se deparar com um cachorro perdido no Campus Aeroporto da Universidade de Uberaba (Uniube). Isso porque esses animais perambulam por todos os lugares à procura de alimento e, como encontram muitas "guloseimas" nas lixeiras da universidade, ou ganham dos alunos generosos pedaços de salgadinhos repletos de maionese e *catchup*, os vira-latas acabam gostando do pedaço e vão ficando... Os cães são espertos e, se o alimento vem de uma fonte fácil, eles sempre voltam para pegar mais.

Infelizmente, esses cachorros estão proporcionando problemas internos na universidade. Às vezes, eles entram nas salas de aula e atrapalham o andamento da disciplina. As pessoas, em geral despreparadas, não sabem qual providência tomar diante da presença desses animais dentro das salas. E, além disso, os cães deitam em qualquer lugar, atrapalham a passagem pelos corredores, podem ser atropelados ou mesmo vir a morder alguém.

Considerando tudo isso, foi criado o projeto "Universidade Amiga dos Animais", uma iniciativa desenvolvida através de uma parceria com a Diretoria de Infra-estrutura Acadêmica, Empresa Multi-Júnior, curso de Medicina Veterinária e o Programa Institucional de Atividades Complementares (PIAC), principalmente para incentivar a adoção desses cães. A idéia é, inicialmente, a captura dos animais por uma equipe de alunos treinados. Em seguida, os cachorros serão levados ao canil da universidade, onde receberão tratamento e medicação – no caso de portarem alguma enfermidade – e, só então, aqueles que estiverem comprovadamente saudáveis e aptos para o convívio doméstico serão levados às feiras de doação, que acontecem em datas programadas na praça Carlos Gomes, das 10h às 17h. Nessas feiras, uma equipe de alunos se coloca à disposição para orientar as pessoas sobre a adoção de cães, bem como para esclarecer sobre as responsabilidades de se ter um animal em casa.

"Aqueles que desejam ter um animal, devem ser seus guardiões, seus anjos da guarda".

O professor de Medicina Veterinária, Cláudio Yudi, lembra que os interessados, depois de adotar o cão, devem procurar o Centro de Zoonoses para vaciná-lo e garantir a saúde de todos. Ele afirma que as pessoas não podem deixar de assumir a responsabilidade de cuidar bem de seus animais de estimação. "Quer ter um animal, tenha. Mas, tenha responsabilidade por ele", alerta Yudi. O professor observa que os donos do animal devem ser seus guardiões, seus anjos da guarda. E completa: "Ser um anjo da guarda é dar alimentação, água, carinho, afeto e atenção para estes animais. E ter responsabilidade por ele, que é o mais importante".

O professor lembra ainda que, nas feiras realizadas neste ano, houve uma boa procura por parte da população. E mesmo que as pessoas não adotem os cães, só de estarem lá e receberem informações é um bom começo. "O papel da universidade é difundir a educação através de projetos de extensão", completa Yudi.

Paulo Fernando Borges

***1-** Aluna de veterinária na feira da praça Dom Eduardo. **2-** Cão espera por um dono em um dos canis da feira. **3-** Elvira Fonseca, de 61 anos, levou um cachorrinho para casa e prova que o amor não tem idade.*

DIAS DA FEIRA: Das 10 às 17h na Praça Carlos Gomes	
Setembro: 15 e 29	Novembro: 10 e 17
Outubro: 06 e 20	Dezembro: 01 e 15

Outras Informações na secretaria do Curso de Medicina Veterinária. Fone: 3319-8921. Ou pelo blog: http://universidadeamiga.blogspot.com

issuu-downloader.com

Erguem-se as lonas da solidariedade

Com o projeto Circo da Saúde, alunos de Medicina da Uniube levam mais calor humano e alegria para crianças hospitalizadas

Marcos Rogério de Freitas
3º período de Jornalismo

Tudo começou há três anos, quando Cláudia Queiroz Barbosa, juntamente com outros alunos do curso de Medicina da Universidade de Uberaba (Uniube), tiveram a idéia de criar uma liga acadêmica com o objetivo de defender uma prática médica mais humanizada. Ao lado do colega de curso, Semi Trivelato de Queiroz, após assistirem ao filme *Patch Adams*, os estudantes pensaram logo num meio de realizar uma experiência médica inspirada na história de Hunter Adams – o homem que, nos anos sessenta, após se internar espontaneamente num hospício, descobriu vocação para medicina e usou métodos nada convencionais no tratamento de seus pacientes.

Inspirações à parte, os alunos procuraram professores orientadores, como o farmacêutico Aldo Matos e a psicóloga Lídia Queiroz, entre outros, para criar o projeto Circo da Saúde e torná-lo realidade. A primeira diretoria arregaçou as mangas, entrou em contato com o Hospital da Criança, explicou a finalidade desse projeto junto às crianças hospitalizadas e seus acompanhantes, e logo iniciou uma rotina diária de entretenimento e carinho que já dura três anos.

Atualmente, a diretoria é composta por cinco membros, todos eleitos pelo voto dos demais participantes, que totalizam aproximadamente 40 pessoas. O Circo da Saúde tornou-se uma referência na avaliação do Ministério da Educação (MEC) quanto aos programas nacionais de humanização da saúde – uma iniciativa que procura incentivar cursos de medicina formadores de médicos generalistas, humanizados e éticos.

A diretoria do circo é mudada anualmente. E uma das idéias que mais orientam o trabalho da equipe é o esforço multidisciplinar – ou seja, o envolvimento de estudantes de outros cursos da Uniube é bem aceito. "Queremos que todos os alunos participem e entendam a idéia do Circo. Não se trata apenas de fazer palhaçadas, são as lições de vida dos pacientes é que ficarão para toda a vida profissional que teremos", ressalta Cláudia.

Voluntários

Para ingressar no projeto são necessárias duas fases de seleção. Primeiramente, exige-se um curso introdutório (com uma taxa de inscrição, que acaba sendo a única fonte de renda do Circo) com os professores, orientadores e demais componentes do grupo. Em segundo lugar, é necessária uma avaliação escrita, abrangendo os temas vistos durante o curso de introdução. Uma entrevista pessoal com os aprovados na avaliação escrita também faz parte desse processo.

Marcos Rogério de Freitas

Integrantes do Circo da Saúde em visita ao Hospital da Criança: a alegria é um grande remédio

Os voluntários interessados em fazer parte do Circo têm de entender que irão interagir com pacientes internados e suas respectivas famílias. Elas irão dispor de aproximadamente duas horas semanais de suas vidas na iniciativa de levar alegria e um pouco de conforto às pessoas que estão passando por dias difíceis. No momento, apenas o Hospital da Criança fornece espaço para que os membros do Circo da Saúde levantem sua lona da solidariedade e, no picadeiro da amizade, possam aquecer os corações de todos os espectadores.

Inspirados pelo filme "Patch Adams", os estudantes pensaram logo na realização de uma experiência médica semelhante à história da personagem.

O atual presidente, Ailton Veria de Souza Jr., estudante do 5º período de Medicina, fala com entusiasmo da importância de todos os envolvidos no trato com as pessoas. "Tanto médicos, psicólogos, sociólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e os demais interessados em programas como o Circo da Saúde têm que buscar a essência do que é cuidar e trabalhar com seres humanos".

Quem quiser participar desse projeto, deverá ficar atento para as inscrições do próximo curso introdutório, que será realizado nos dias 29 e 30 de setembro. Os interessados devem procurar a sede do Circo da Saúde, no Bloco S, no Campus Aeroporto da Uniube, para obter mais esclarecimentos. Detalhe: não é preciso ser necessariamente aluno da instituição: o circo já contou com colaboradores externos que contribuíram muito para o projeto e deixaram suas marcas registradas no circo da solidariedade. O curso cobra uma taxa de R$15, pois é a única fonte de recursos do projeto.

issuu-downloader.com

Da sala de aula para o mercado de trabalho

Aliando ensino e prática, Empresa Júnior da Uniube prepara grandes talentos

Silvia Ester
8º período de Jornalismo

Inovar para agregar diferenciais competitivos ao estudante do ensino superior: essa é uma das grandes preocupações das universidades nos últimos tempos. Para cumprir esse objetivo, há 40 anos o movimento de Empresas Júnior tem contribuído para fazer com que os cursos de graduação se tornem mais próximos das necessidades do mercado. Essas empresas funcionam como um verdadeiro laboratório de ambientes de trabalho e proporcionam ao aluno uma experiência que vai muito além do aprendizado de sala de aula.

Uma Empresa Júnior é uma associação sem fins lucrativos, constituída por alunos da graduação que, sob a supervisão de professores especializados, desenvolvem projetos para empresas, entidades e para a sociedade. Seus objetivos estão em proporcionar a prática de conhecimentos relativos à área de formação profissional, difundir o espírito crítico e empreendedor, facilitar o ingresso dos alunos no mercado de trabalho e valorizar a instituição de ensino.

Foi pensando nisso que, na década de 90, um grupo de alunos de Economia, Administração e Ciências Contábeis uniram o ensino à prática e criaram o Núcleo de Apoio e Consultoria Empresarial de Uberaba, a primeira empresa Júnior da cidade, instalada na Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro (FCETM). Muitos alunos se mobilizaram e vários projetos foram desenvolvidos. Eles aprendiam técnicas de gestão empresarial na sala de aula e praticavam este conhecimento na empresa Júnior, especialmente criada para a experimentação.

Naquele tempo, a aluna do curso de Administração, Raquel Resende, assumiu o cargo de Diretora de Marketing da FCETM Jr. "Na Empresa Jr tive certeza de que gostaria de trabalhar com apoio a empresas e desenvolvimento da cultura empreendedora." Em 1999 ela foi convidada pela Universidade de Uberaba (Uniube) para dar uma palestra como ex-integrante do movimento Júnior. Com isto, foi criada a Empresa Júnior da Uniube. "Reunimos um grupo de alunos e professores interessados e, assim, fundamos a primeira empresa Júnior Multidisciplinar de Minas Gerais: a Multi Jr".

A partir desta experiência, Raquel Resende, que hoje é professora e gestora da Incubadora de Tecnologia da Uniube (Unitecne), atua como agente de fomento à cultura empreendedora, seja em sala de aula ou na gerência da Incubadora, apoiando a transformação de idéias em negócios de sucesso. Já são mais de 12 empresas criadas, algumas delas com patente internacional.

Silvia Ester

Os estudantes João Paulo, Karen e Karina participam ativamente na Multi Jr. Eles esperam que a experiência seja um incentivo para as empresas e para aqueles que buscam um diferencial no mercado de trabalho.

Consultores Júnior

"Participar da Multi Jr. promove efetivamente o crescimento pessoal e profissional das pessoas", é o que afirma Karen Carolline Santos Tiveron, atual presidente da Multi Jr. A aluna, de 19 anos, está na empresa há três meses e diz que sempre foi uma pessoa com espírito empreendedor: desde criança foi criada no ambiente de lojas, por fazer parte de uma família de comerciantes. "Quando sentei para escolher qual curso eu faria na Universidade, eu já me identifiquei, na hora, com Administração."

Karen diz que se dirigiu à Multi Jr. porque achava que a sala de aula não era suficiente para desenvolver suas idéias. Foi quando sua professora a convidou para fazer parte da equipe de empresários Juniores.

João Paulo de Moura Guimarães é aluno de dois cursos de graduação da Uniube. Ele está no 7º período de Biomedicina e no 2º período de Gestão em Biotecnologia. Guimarães tem 22 anos e há três meses procurou a Multi Jr. quando viu a oportunidade de aprimorar o seu desenvolvimento profissional. Com o cargo de Diretor de Projetos, ele se desdobra no seu dia-a-dia, dedicando sempre um momento para os serviços da empresa. "Aqui nós somos os gestores da empresa e trabalhamos pela vontade de fazer algo diferente."

A Multi Jr. está em fase de reestruturação – uma nova diretoria será implantada e novos estudantes estão sendo recrutados. Karina Ribeiro Arantes, aluna do curso de Turismo, é a mais nova integrante da equipe. Ela chegou há algumas semanas e se prepara para participar da equipe do Departamento de Marketing. "Eu comecei a ver que podia contribuir para melhorar os meus conhecimentos e realizar atividades que davam prazer... estou aqui para aprender".

A Empresa Júnior é uma associação sem fins lucrativos, composta por alunos de graduação que, sob a supervisão de professores especializados, desenvolvem projetos para empresas e para a sociedade.

Essa turma está só começando, mas com apenas três meses de trabalho já participou do Encontro Nacional de Empresas Júnior (ENEJ), em São Paulo, e trouxe um fortalecimento do espírito

issuu-downloader.com

empreendedor dentro de cada um. "Quando nós chegamos lá e vimos a amplitude que é, passamos a abraçar mais o trabalho da empresa. Foi um incentivo para nós", conta Karen Tiveron.

Vivendo e aprendendo

A multidisciplinaridade é um diferencial da empresa Junior da Uniube que, segundo Raquel Resende, é a grande riqueza dessa iniciativa: "É uma experiência que todo mundo que quer fazer diferença deve ter. O contato entre áreas tão diferentes só traz riqueza, a interação promove a soma das idéias."

Alunos da maioria dos cursos da Uniube podem participar dos projetos desenvolvidos pela empresa. Dessa forma, há uma interação proveitosa de saberes. "Aqui eu posso conhecer pessoas de todas as áreas e aprender com elas coisas que vão agregar ao meu conhecimento, e isso é um diferencial no mercado de trabalho", acrescenta Tiveron.

A Multi Jr. conta hoje com cinco projetos em desenvolvimento. Os parceiros Bitcompany, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Incubadora de Base Tecnológica da Uniube (Unitecne), Universidade de Uberaba (Uniube) e a Federação das Empresas Juniores do Estado de Minas Gerais (Fejemg), ajudam a expandir o movimento pela Universidade e pela sociedade.

A Empresa Junior já atendeu clientes como Coca-Cola, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), empresas incubadas como, Faciltec, Bonfimntec, Farmácia Vitae, Update Engenharia, Biosolos e várias outras empresas locais. Além disso, apóia projetos sociais, como o projeto Universidade Amiga dos Animais, realizado em parceria com o Controle Integrado de Pragas e Vetores (CIPV) e o curso de Veterinária da Uniube. A empresa atende também à Unitecne e às demandas internas dos diversos departamentos da universidade.

A Multi Jr. está em fase de recrutamento e convida os alunos da Uniube a participarem desse importante movimento. Uma união para compartilhar experiências, proporcionar o desenvolvimento profissional e pessoal para os jovens universitários. A Empresa Júnior da Uniube está sediada no Campus Aeroporto, sala H117. Os interessados em participar podem agendar entrevista pelo telefone 3319 8894, no horário das 14h às 18h. Mais informações podem ser consultadas no endereço www.multijr.com.br

Saiba mais

Conceito foi criado na França

Primeira Empresa Júnior brasileira foi desenvolvida na FGV

O movimento de Empresas Júnior nasceu na França em 1967, criado pelos alunos da *L'ecole Supérieure des Sciences Economiques Et Commerciales de Paris* (ESSEC). A necessidade da aplicação prática dos conhecimentos adquiridos na sala de aula foi o que impulsionou a criação da empresa Júnior-Entreprise.

O conceito começou a se difundir e foi trazido para o Brasil pela Câmara de Comércio França-Brasil, que convocava jovens interessados em implantar uma empresa Júnior na sua universidade. A empresa Júnior-FGV, da Fundação Getúlio Vargas, foi primeira da América Latina, criada em 1988.

Evento na Uniube discutirá atividades complementares

Semana do PIAC apresentará uma série de projetos realizados por estudantes universitários

Maria Carolina Mafra
Agência Portfólio
3º período de Jornalismo

O Programa Institucional de Atividades Complementares (PIAC) da Universidade de Uberaba (Uniube) promoverá, entre os dias 19, 20 e 21 de setembro, a Semana do PIAC. O evento contará com mesas-redondas que discutirão temas como voluntariado, atividades acadêmicas, ações culturais e esportivas, entre outros. No Campus Aeroporto, serão realizados três encontros por dia, que começarão às 10h45, às 13h30 e às 18h15.

Um dos objetivos do encontro é esclarecer sobre a importância das atividades complementares para o estudante de graduação. A atual regulamentação do MEC exige que o universitário cumpra uma carga horária específica destas atividades, que consistem na participação em congressos, palestras, monitorias, projetos de extensão, de pesquisa entre outros. O objetivo fundamental é diversificar e enriquecer o histórico acadêmico dos alunos. Deste modo, a formação acadêmica passa a depender também da iniciativa e dinamicidade do estudante, pois ele deve assumir a responsabilidade de buscar as atividades que mais lhe interessam.

Para a realização das atividades complementares a Uniube criou o PIAC, que atualmente localiza-se no bloco I do Campus Aeroporto. Lá existe um núcleo de professores que coordenam, orientam e oferecem todo o apoio aos mais diversos projetos que possa acontecer dentro e fora da instituição. O programa de atividades segmenta duas grandes linhas: "Educação e Cidadania" e "Educação e Saúde", priorizando os projetos que possam difundir na comunidade o conhecimento gerado na faculdade, enfatizando a responsabilidade social que a instituição deve assumir em sua relação com a sociedade.

Projetos especiais enriquecem currículo

Segundo o aluno de Comunicação Social da Uniube, Rander Ariel Gonçalves, o PIAC representa para ele uma forma de auto-desenvolvimento, uma possibilidade de conseguir conteúdos extras para a formação universitária e de ajudar a sociedade de alguma forma. Ele conta que já participou de vários projetos, como a criação de *web sites* e de grupos de estudos sobre cultura, além de ter assistido a mostras de documentários e a palestras realizadas pelo Plano de Atenção ao Estudante (PAE). Atualmente participa com outros alunos de um grupo de voluntariados na Associação dos Deficientes Físicos de Uberaba (ADEFU).

A estudante de direito, Renata Machado Paiva, conta que era representante de sala e a turma sempre ficava cobrando para que pensasse em alguma atividade diferente para ser realizada. Assim, Renata teve a idéia de fazer um projeto pata falar sobre a Ditadura Militar às crianças das escolas da cidade. Ela foi até o PIAC e, no primeiro contato, descobriu que já havia uma parceria da instituição com a prefeitura no Projeto Escola Aberta. Além disso, ela foi orientada a adaptar a idéia, pois o público almejado eram crianças e pré-adolescentes, mas aquele tipo de projeto parecia mais adequado ao público adolescente. Deste modo, acabou nascendo a idéia de explicar para as crianças os Direitos Fundamentais do homem. O projeto teve duração de um semestre e ganhou o nome "Pinte Direito".

A Semana do PIAC contará com o apoio da Agência Experimental Portfólio, que tem como integrantes alunos do curso de Comunicação Social. Quem participar expondo seus projetos ganhará 10 créditos, e quem assistir às palestras obterá 3 créditos. A duração de cada palestra será de 1h30 min.

issuu-downloader.com

Saúde pública

Uberaba em alerta

Má alimentação e falta de exercícios físicos levaram os habitantes da cidade a um índice alarmante de doenças como diabetes, obesidade e hipertensão arterial

Foto: Mafalda Veronez

Grande parte da população uberabense está acima do peso e apresenta sérios problemas de saúde, tanto pelo alto consumo de gorduras como pela falta de exercícios físicos.

Graziella Tavares
4º período de Jornalismo

Uma pesquisa coordenada pela endocrinologista e professora da Universidade de Uberaba (Uniube), Fernanda Oliveira Magalhães, apurou dados assustadores sobre a saúde da população adulta uberabense. De acordo com os dados, 60% dos habitantes entre 30 e 69 anos de idade estão acima do peso, metade sofre de hipertensão e um terço corre riscos devido às taxas de diabetes. Isso porque mantêm uma péssima alimentação e não fazem exercícios físicos, nem no trabalho.

A história dessa pesquisa começou em 1995, quando os cientistas da universidade se dispuseram a avaliar o índice de diabéticos na cidade. Dez anos depois foi montada a Liga de Diabetes da Uniube e, assim, houve a necessidade de fazer uma investigação mais aprofundada, a fim de que fossem verificados, também, os índices de hipertensão arterial e obesidade, entre outros dados. "O último censo brasileiro de diabetes é de 1987 e a nossa pesquisa seguiu a mesma metodologia empregada pelo IBGE", afirma Magalhães. "Mas esses resultados são um perfil brasileiro. Nós precisávamos ir além deles e conhecer o perfil dos uberabenses para determinar quais doenças tinham maior prevalência aqui na cidade."

Assim, entre 2005 e 2007, os pesquisadores se dispuseram a conhecer o perfil da população adulta da cidade (na faixa etária entre 30 e 69 anos), no que se refere a sexo, idade, nível socioeconômico, naturalidade, padrão alimentar, atividade física, tabagismo e doenças mais prevalentes. Em seguida, procuraram determinar os índices de diabetes, hipertensão arterial, obesidade e asma, entre outros indicadores. Deste modo, os médicos poderiam propor ações mais direcionadas para a melhoria da saúde no município. Tendo em vista a importância da iniciativa, o projeto foi aprovado pelo CNPq e pelo Programa de Apoio à Pesquisa (PAPE) da Uniube. Além disso, recebeu o apoio da *Roche* Diagnóstica e da Prefeitura Municipal. E com a pesquisa ainda em andamento, o grupo de cientistas já chegou a conclusões preocupantes. "O que verificamos foi realmente assustador", alerta Magalhães.

A população de Uberaba se alimenta tão mal que apenas 1% dos habitantes tem uma dieta realmente saudável.

Os métodos

Mais de setenta alunos de iniciação científica e voluntários dos cursos de Medicina, Odontologia, entre outros, receberam treinamento e acompanhamento de professores da área, até passarem para a pesquisa de campo, que foi determinada através de dados do IBGE sobre os bairros que melhor representam Uberaba. Depois desse levantamento, os estudantes escolheram os entrevistados entre moradores da faixa etária de 30 a 69 anos de idade, homens e mulheres de todos os níveis socioeconômicos, exceto as gestantes. A partir daí, dezenove bairros foram mapeados e as residências visitadas. Segundo Magalhães, é importante lembrar que a metodologia utilizada seguiu um padrão e, por isso, é representativa da cidade.

Durante o período da pesquisa, 1.191 pessoas foram entrevistadas e examinadas detalhadamente em suas casas. A equipe realizou testes como mensuração da pressão arterial, dosagem de glicemia (para verificar a diabetes), cálculo de Índice de Massa Corporal (para observar o sobrepeso) e pico de fluxo expiratório (para identificar asma). Além disso, através de questionários, os pesquisadores obtiveram informações sobre o padrão alimentar e a rotina de atividades físicas das pessoas, além de dados econômicos e sociais das famílias.

Os resultados

Uma das primeiras grandes surpresas para os pesquisadores foi constatar que apenas 37% do total de moradores adultos de Uberaba são naturais da cidade; ou seja, a grande maioria da população daquela faixa etária é composta por pessoas que nasceram em outros lugares. No período retratado, a maior parte (59%) era do sexo feminino, 52,3% tinham trabalho remunerado; 16,6% eram aposentados; 4,1% encontravam-se desempregados e 3,7% estavam afastados por doença.

issuu-downloader.com

A equipe observou também que a maior parte da população em questão, cerca de 72,6%, possuíam renda mensal familiar abaixo de cinco salários mínimos. Os níveis de escolarização em Uberaba também não eram nada animadores. Entre os adultos, 12% eram analfabetos e 53% possuíam apenas o ensino fundamental. Além disso, 26% possuíam ensino médio e apenas 9% tinham ensino superior. A porcentagem de pós-graduados era praticamente desprezível.

Em relação aos hábitos considerados saudáveis, os pesquisadores constataram que os uberabenses estavam longe de um padrão alimentar ideal. A análise foi feita através de questionários individuais e considerou a ingestão diária de grupos de alimentos como pães, cereais, hortaliças, frutas, leite e derivados; carnes bovina, suína, peixe, frango e ovos; óleo, gorduras e açúcares, de acordo com o recomendado pela pirâmide alimentar. Segundo a pesquisa, apenas 1% da população adulta tinha uma alimentação realmente saudável. Ou seja, a grande maioria tinha uma dieta insuficiente de grãos e cereais (99%); de frutas, hortaliças e leguminosas (82%), assim como de leite e derivados (94%). Por outro lado, a maioria demonstrou um consumo excessivo de óleo vegetal (84%); de sacarose (77%); e de carne (50%). E para piorar, segundo os dados da pesquisa, mais de 80% não realizavam exercícios físicos regulares.

Os resultados para obesidade foram altíssimos: 18,8% apresentaram obesidade e 36,6% estão acima do peso. A maioria são mulheres.

Deste modo, através de centenas de exames médicos, os pesquisadores constataram que 12,7% dos uberabenses eram diabéticos e 20,4% eram pré-diabéticos. Os pesquisadores observaram que 38% desses doentes nem sequer sabiam que estavam com diabetes. Além disso, apenas 25% dos habitantes que já tinham sido diagnosticados estavam controlando a doença com eficácia. Números considerados graves para uma população que consome gordura animal e óleos em quantidades exageradas, come muita carne e poucas frutas e verduras.

Os resultados para a obesidade também foram altos: 18,5% apresentaram obesidade e 36% estavam acima do peso. Mas, se consideramos apenas a obesidade abdominal, ou seja, aquela gordura localizada na barriga, os números são ainda piores: 68,8% das mulheres adultas e 38,87% apresentaram esse tipo de obesidade.

Os números de hipertensão também eram graves: 42,8% da população adulta podia ser considerada hipertensa, e 8,2% estavam no limite. Ou seja, mais da metade da população com mais de 30 anos corria sérios riscos relacionados a esse problema. Os pesquisadores observaram que 35,6% dos hipertensos não sabiam do diagnóstico e apenas 32,7% dos diagnosticados tinham bom controle.

Através dessas amostragens pôde-se verificar os fatores de riscos cardiovasculares, por isso, tabagismo e ingestão de álcool foram pontos-chave da pesquisa. Os números confirmados de quem fumava e consumia álcool diariamente foram baixos, mas o que mais pesou foi a quantidade de pessoas que fumavam e bebiam. A maioria dos problemas de saúde é proveniente desses vícios e agravam-se com o passar do tempo. Não é à toa que os efeitos levaram a altas taxas de hipertensão arterial sistêmica (HAS).

Conclusão

O grupo de pesquisa já conta diversos trabalhos apresentados em congressos nacionais e internacionais da área da saúde. Contudo, mais do que uma produção científica, essa pesquisa trouxe novas perspectivas para os problemas observados na população de Uberaba. "O alerta para uma maior atenção à alimentação e aos exercícios físicos é primordial em todas as idades, principalmente na faixa etária analisada, dos 30 aos 69 anos", salienta a professora Fernanda Magalhães. E não é preciso nenhum sacrifício nem exageros para ter uma boa saúde. O ideal é manter uma dieta adequada, de preferência receitada por um especialista, e, pelo menos, fazer atividades físicas rotineiras, como caminhada e ginástica.

Boca ameaçada

Com tantos resultados preocupantes, outra análise feita pelos estudantes foi o exame bucal. Nessa etapa, a odontóloga e professora da Uniube, Denise Maciel Carvalho, coordenou e acompanhou todos os procedimentos. Alunos do curso de Odontologia e voluntários foram treinados durante um mês para fazer os exames e, assim, visitaram 91 pessoas, sendo 70 com faixa etária de 35 a 44 anos, já entrevistadas anteriormente pela equipe da professora Fernanda Magalhães. A equipe avaliou a incidência de cáries, doenças periodontais (sangramentos, tártaro e bolsa), lesões nas mucosas e existência de próteses.

Pessoas que mantêm uma má qualidade de vida estão mais predispostas a certos problemas por causa dos hábitos alimentares. "Em geral, os programas de prevenção estão mais voltados para as crianças, mas as pessoas se esquecem de que, com o envelhecimento, é preciso redobrar a atenção à saúde bucal". alerta Denise. Ela explica que o quadro de doença periodontal pode ser agravado também pelo tabagismo. O fumo, ao longo do tempo, causa lesões nas mucosas e perda dos dentes. Logo, percebeu-se nos exames que 89% apresentaram exposição da raiz ou lesões, 60% tinham sangramento e/ou tártaro e os diabéticos foram os que mais perderam dentes devido à cárie. Com relação as próteses, 39% usavam, mas 30% ainda necessitavam de uma.

Mesmo com resultados parciais, já que apenas 39% do total pretendido foi examinado, a conclusão dos estudantes é que os uberabenses cuidam cada vez menos da sua boca, seja com o que ingerem ou como fazem a higiene.

Pirâmide alimentar

Conheça o padrão mais utilizado pelos médicos para indicar uma alimentação diária saudável e equilibrada.

Na pirâmide alimentar estão descritas as porções adequadas para cada grupo de alimentos.

issuu-downloader.com

Conheça os dados da pesquisa

Análise considerou a população adulta, na faixa etária entre 30 e 69 anos

Diabetes

* **12,7%** da população adulta de Uberaba têm diabetes e **20,4%** são pré-diabéticos

* Dentre os diabéticos, **38%** não sabiam que tinham a doença

* Apenas **25%** das pessoas com diagnóstico prévio de diabetes têm feito um controle efetivo do nível de glicemia

Obesidade

* **18,5%** da população de Uberaba é obesa e **36%** apresentam sobrepeso

* O índice de obesidade abdominal (aquela gordura localizada apenas na cintura) no sexo feminino foi de **68,8%** e no sexo masculino, **de 38,8%**

Hipertensão

42,8% dos uberabenses adultos são hipertensos

* Entre os hipertensos, **35,6%** não sabiam do diagnóstico

* Daqueles que já haviam sido diagnosticados, apenas **32,7%** tinham bom controle da pressão arterial

issuu-downloader.com

Dados gerais

* A maior parte da população adulta **(59%)** é do sexo feminino.

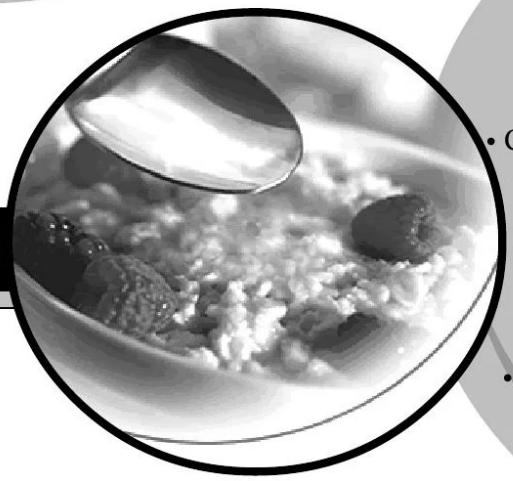
* **74,71%** possuem renda mensal familiar abaixo de **5** salários mínimos.

***53%** possuem ensino fundamental e **11,7%** são analfabetos.

* **52,3%** têm trabalho remunerado; **16,6%** são aposentados; **4,1%** encontravam-se desempregados e **3,7%** afastados por doença.

* Apenas **37%** são naturais de Uberaba

Alimentação



A população adulta tem um padrão alimentar inadequado **na maioria dos casos**:

- Insuficiente ingestão de grãos e cereais **(99%)**
- Consumo excessivo de óleo vegetal **(84%)**
- Grande consumo de sacarose **(77%)**
- Consumo insuficiente de frutas, hortaliças e leguminosas **(82%)**
- Consumo excessivo de carne **(50%)**
- Consumo insuficiente de lácteos **(94%)**
- Consumo associado de gordura animal **(15%)**

Tabagismo e consumo de álcool

* Os indivíduos adultos do município de Uberaba, em sua grande maioria **(93,9%)** ingerem álcool no máximo uma vez por semana, mostrando baixa prevalência de alcoolismo.

* **23%** fumam e **43%** já fumaram em algum período da vida

issuu-downloader.com

Homossexuais lutam por aceitação

Sociedade ainda não tolera as pessoas que optaram por uma orientação sexual diferente

Alliny Araújo
2º período de Jornalismo

O Congresso Nacional aprova leis contra a homofobia, diz que preconceito é crime e o agressor deve ser punido. Vários homossexuais entram na justiça e ganham causas contra seus opressores. Em quase toda novela que se inicia vemos um casal homossexual. Nos programas de televisão, o tema é abordado constantemente, seja como sensacionalismo, entretenimento ou conscientização. No site de relacionamentos *Orkut*, são aproximadamente 5 mil comunidades para esse público específico. Mas será que esse mundo, que os gays denominam como "cor-de-rosa", é sempre repleto de purpurina?

Na praça Rui Barbosa, me sento num banco e aguardo minha primeira entrevistada. Dez minutos se passaram e lá vem ela, repleta de amigos. Não é difícil distingui-la no meio deles. Pouco mais de 1,60 de altura, cabelos bem curtos, num tom azulado, sorriso maroto, camiseta, calça e moleton masculinos, jeito descontraído, como se não estivesse vendo os muitos olhares voltados para ela. Allita Rezende dos Santos, 19 anos, estudante de Engenharia Mecânica, pode ser facilmente confundida com um menino e parece não se incomodar com isso.

Começamos a nossa conversa falando da infância dela, conturbada psicologicamente pelos seus desejos íntimos. Aos 10 anos de idade, além de chorar muito, sentia vontade de cometer suicídio pelo fato de se achar diferente das outras garotas, a única a sentir atração por mulheres. Esse sentimento de preferir a morte à vida originava-se no fato de já compreender tudo o que iria sofrer se essa atração física por mulheres se firmasse como homossexualidade. Para ela, ainda era inconcebível ter uma vida feliz sendo assim.

Para tentar reprimir esse desejo cada vez mais latente, resolveu beijar um homem. Disse ter sentido uma indiferença total enquanto o beijava – e até um certo nojo; mas mesmo assim, o namorou por uma semana na esperança de tirar as mulheres da sua cabeça. Ela se lembrou que costumava dizer a ele o quanto era bom estarem namorando, para a sociedade perceber que ela não era lésbica. Nesse estágio, ainda mentia pra si mesma e lutava com todas as forças para não deixar fluir sua homossexualidade. Mas apesar de todos os esforços, rapidamente o namoro acabou.

Até então, mantinha longos cabelos loiros, o que deveria aguçar ainda mais a aparência frágil de seu rosto. Ela os deixava sempre presos, pois sentia extremo incômodo quando os soltava. Mas os pais sempre a obrigavam a desamarrá-lo. Nessa época, ainda se vestia com roupas unissex, mas aos 13 anos resolveu assumir a aparência que tem hoje. Cortou os cabelos bem curtos e começou a se vestir com roupas exclusivamente masculinas. Ela garante que é assim que se sente bem.

Para tentar reprimir esse desejo cada vez mais latente, resolveu beijar um homem. Disse ter sentido uma indiferença total enquanto o beijava – e até um certo nojo; mas mesmo assim, o namorou por uma semana na esperança de tirar as mulheres da sua cabeça.

Aos 15 anos, ao beijar a primeira menina, começou a aceitar a sua condição sexual. Percebeu que era completamente diferente de estar com um homem. Agora sim, se sentia completa, realizada sentimentalmente. Era com as mulheres que sentia todos os sintomas de amor. Boca seca, palpitações, pernas trêmulas, olhos brilhando, aquele querer crescente de estar perto, trocar carinhos. Desde então, os homens nada mais seriam para ela do que grandes amigos.

Aos 16 anos, Alitta se deparou pela primeira vez com uma situação constrangedora. Estava na mesma praça em que fazíamos nossa entrevista (e, no momento que começou a me contar o episódio, o sorriso dela desapareceu). Disse que naquele dia, como sempre fazia, estava com os amigos no coreto. Era por volta de 2 horas da tarde quando a Polícia Militar chegou ao local e os abordou. Grosseiramente, ordenaram para que todos levassem as mãos à cabeça, ao mesmo tempo em que separavam os homens das mulheres. Como já estava do lado onde as meninas deveriam ficar, permaneceu imóvel.

Um dos policiais, irritado, a pegou pelo braço bruscamente e a levou até o lado dos meninos. Indignada, ela respondeu que era uma mulher. O PM então, cada vez mais nervoso e, desse momento em diante, já gritando, insistiu que não estava de brincadeira, enquanto ela, por sua vez, também insistia no fato de que ele estava enganado. Apenas quando pegou novamente em seu ombro para retirá-la de onde estava, foi que o policial pôde sentir a alça do sutiã que ela estava usando e só assim acreditou no que ela dizia. Mesmo depois de perceber o engano, ele não se

issuu-downloader.com

"Eu disse à minha mãe que não escolhi ser assim. Isso nunca foi uma opção na minha vida. É uma orientação sexual, a qual não me deram chance de optar. Se pudesse, seria heterossexual para não ter que viver situações como esta."

desculpou por ter sido grosseiro. A humilhação que sentiu fez essa cena ficar registrada em sua memória, como o lado triste de ser diferente da maioria.

Novamente – e ainda sem sorrir – ela me contou sobre outro momento lastimável de preconceito. Um ano depois desse acontecido, desta vez em um tradicional clube da cidade de onde é sócia, estava com a namorada e uns amigos. Sempre iam juntas e, muitas vezes, andavam de mãos dadas. Mas como geralmente andava vestida, provavelmente as pessoas pensavam que se tratava de um casal heterossexual. No dia do incidente, estavam ambas na beira da piscina, de biquíni, e no calor da conversa, trocaram um selinho.

Um sócio enraivecido, pegou nos braços delas com força, chegando a machucá-las e as insultou. Disse que o clube era de família e que elas deveriam estar em um "puteiro". Em choque, Allita decidiu ir até o segurança que as acompanhou até onde estava o agressor. Porém, ao constatar que aquele homem era um dos donos do clube, para não causar problemas maiores, Allita resolveu não prolongar o assunto e aceitou essa situação, mesmo com a certeza de que não estava agindo de forma errada e nem desrespeitando ninguém. Pelo contrário, sentia que eles não a respeitaram como ser humano.

Ao relatar o que tinha acontecido para a mãe, se sentiu triste novamente. Apesar de aceitar a condição da filha e de terem um bom relacionamento nesse sentido, a mãe lhe disse que todo esse sofrimento foi escolhido por ela mesma. "Eu disse à minha mãe que não escolhi ser assim. Isso nunca foi uma opção na minha vida. É uma orientação sexual, a qual não me deram chance de optar. Se pudesse, seria heterossexual para não ter que viver situações como esta."

Ainda sobre relação em família, me disse que o pai é ausente. Mora em outra cidade e eles quase não se vêem, mas ela não atribui a isso o fato de ser homossexual. A mãe, por sua vez, quando descobriu, pediu para que ela não se deixasse ser vista com mulheres, por medo de não conseguir um posterior emprego. Mas, aceita as namoradas da filha em casa e se torna amiga delas, tendo uma convivência normal, como se tem a maioria dos casais heterossexuais.

Allita ressalta que odeia a frase ou o clichê: *Eu não tenho nada contra*. "Quem a diz, se realmente não tivesse, não precisaria nem tocar nesse assunto, trataria com normalidade." Ela vê com tristeza o fato de os homossexuais terem que recorrer à justiça para terem seus direitos garantidos. "Não fazemos nada contra a lei para sermos julgados", complementa. No entanto, ela acredita que essa é uma alternativa viável para conseguir respeito e punir os homofóbicos.

Indagada sobre a crença em Deus ou a provável religião, ela me disse ser pagã. Acredita que exista um pai e uma mãe divinos, que os católicos chamam de Deus e Maria. Sua lei religiosa é não prejudicar o próximo e conservar a natureza. Diz que segue essa lei com devoção. Reza de um jeito próprio e sempre agradece aos seus deuses tudo que acontece em sua vida. Acha que a Igreja, de um modo geral, contribui para o preconceito da sociedade, quando ressalta que os homossexuais irão para o inferno e são pecadores.

Religião e Homossexualidade

O Coordenador da Catequese para Adultos e da Pastoral da Sobriedade da Igreja Católica, José Paulino da Silva, 65 anos, Ministro da Eucaristia por 6 anos, esclareceu algumas dúvidas sobre a posição da igreja a respeito da homossexualidade nos dias de hoje.

Ele iniciou-se no catolicismo aos 8 anos de idade e, de lá pra cá, é freqüentador assíduo e ativo participante de projetos sociais. Ele afirmou que a Igreja Católica não exclui os homossexuais, mas também não os adota e não apóia como modo de vida a ser seguido pelos cristãos, até porque a homossexualidade vai contra os princípios da origem da criação humana. "Se fosse para existir os homossexuais, Deus não teria feito o masculino e o feminino", argumentou.

Para reforçar a sua defesa ele citou um dos mandamentos da Lei de Deus, que fala sobre o pecado da castidade. Logo, a Igreja não concebendo celebrar um casamento gay, uma relação sexual entre eles estaria infringindo esse mandamento. Como analisa sempre a teologia do pecado, é através dela que se pode perceber um pecador. Afirmou que pecado é como um ciclo vicioso. O padre serve como mediador para ajudar a sair desse ciclo. "Quando você acumula pecado, comete um sacrilégio".

Disse ainda que um fiel da igreja nunca é rejeitado, pois nem Cristo os rejeita, mas se for provado que ele é homossexual, o mesmo não pode participar dos sacramentos e muito menos receber a hóstia consagrada. Diante desse dilema, tempo atrás, houve uma discussão entre os Ministros da Eucaristia, da qual ele participou, para decidir se deveriam ou não negar a hóstia àqueles indivíduos considerados inadequados para comungar.

De início, ficou decidido dar a essas pessoas uma hóstia sem benção, mas logo perceberam que isso seria enganá-la, o que também seria um pecado. "Sendo assim, e partindo do pressuposto de que o altar está dentro de nós, é a pessoa que deve discernir se é merecedora ou não de participar da ceia do Senhor. Não se pode julgar ninguém."

Mesmo sem julgar, a igreja faz um trabalho de conversão através da evangelização ampla, que atinge todos os setores da vida do indivíduo. "O evangelizador é como um psicólogo que trabalha no sentido de curar a homossexualidade, conscientizar sobre o pecado e fazer a pessoa se converter à heterossexualidade". De acordo com José Paulino, se a pessoa não quiser ou não conseguir se converter, ela não irá alcançar os céus, mas afirma que a fé é um grande mistério e que o pecado da homossexualidade não é diferente de outros pecados.

Perguntado sobre os intensos boatos da homossexualidade entre os padres, ele respondeu que é errado alguém dar testemunho de uma coisa que não vive. Se chegar ao conhecimento do Bispo, e for constatada a prática, o padre é expulso da ordem. Mas isso precisa ser rigidamente provado e antes é passado para um conselho. Ele terá ainda uma chance de se redimir. "Pelo fato de o padre ser ordenado, independente de ser pecador ou não, tem o poder de abençoar, consagrar e ordenar," explicou.

"O homossexual, enquanto ser humano, é uma criação divina, mas a homossexualidade é um desvio em seu caminho, é um caminho pecaminoso. Se os pais e as mães tivessem seguido uma criação religiosa, eles não seriam assim. Trabalhar o psicológico das crianças até os 6 anos é muito importante neste sentido.

Se tivesse um filho homossexual, o religioso disse que o aceitaria da mesma forma. Ele afirma que tentaria ver o que é melhor para o filho, mas não deixaria um dia sequer de aconselhar, dialogar, tentar persuadi-lo a mudar. Ele disse ainda que não tem preconceito, apenas tenta aconselhar, pois ele não pode se omitir, senão estaria sendo conivente. "Tenho o dever de tentar sempre ajudar o homossexual".

Para finalizar, sintetizou que o maior gesto da Bíblia é o perdão e a maior palavra é o amor. "Mas o amor, quando você está do lado errado, ele é somente uma afetividade muito grande, mas não produz o efeito, não é amor verdadeiro. O homossexual pode até acreditar que ama e ter consciência disso, mas não é esse amor que leva à divindade. Tenho dó dos homossexuais porque é uma coisa muito maior que eles", arrematou.

issuu-downloader.com

Sentimentos de uma mãe

O que será que sente uma mãe quando descobre que tem um filho ou uma filha homossexual? Nilma Freitas de Souza, 46 anos, recepcionista, pensou que nunca passaria por esse dilema, ou teria esses sentimentos. Ela, mais do que ninguém, pode contar como é para uma mãe descobrir que sua filha ama diferente do que ela gostaria. "Eu nunca achei que fosse uma coisa normal. Não que tivesse preconceito, mas achava estranho."

A mãe já conviveu com homossexuais no ambiente de trabalho e os tratava como aos outros colegas, mas nunca sequer passou pela cabeça dela enfrentar uma situação dessas dentro da própria casa. Quando via um casal na rua, ou mesmo nos bares que freqüentava, não entendia como uma mulher podia se relacionar com outra mulher, e da mesma forma, os homens.

Em casa, começou a desconfiar quando a filha terminou um relacionamento heterossexual que durou quatro anos. Daí por diante a menina estava saindo muito de casa. Nunca dizia aonde ia, o que estava fazendo e começou a chegar de madrugada, coisa que não fazia antes. Nesse mesmo período, uma menina ligava constantemente para a filha. Elas ficavam muito tempo se falando ao telefone, de um modo excessivamente carinhoso para se tratar de apenas mais uma amiga. A mãe não imaginava que as duas estavam namorando.

Por duas vezes questionou o relacionamento estranho com essa menina, mas a filha negava o envolvimento afetivo. Um dia, fingiu que estava dormindo e ouviu uma conversa ao telefone em que a filha dizia estar com saudades. Na hora quis acreditar que não era verdade, mas, desta vez, teve a confirmação e pôde saber de toda a história desde o começo.

Ela ficou extremamente triste imaginando o monte de preconceito que a filha iria sofrer. Teve medo de ela não saber enfrentar a situação com a família, no emprego, vizinhos e na faculdade. Tentou agredi-la porque considerou essa situação como apenas uma curiosidade, algo carnal e anormal. A família a pressionava a tomar uma atitude e a não permitir que isso continuasse, afinal, ela nunca havia demonstrado esse lado. Como poderia acreditar que a filha era homossexual se, na época, namorou 4 anos um rapaz, era tão vaidosa e tinha uma vida normal? Pretendia se casar, ter filhos e etc. Nilma tinha a concepção de que as mulheres homossexuais eram todas masculinizadas.

Confessou que foi um susto muito grande, pois não queria isso para filha. Sentiu vergonha porque achou que todos pensariam que era pura safadeza e, por isso, começou a entrar em depressão. Foi mudando de opinião conforme conversavam a respeito e ela percebeu que a filha amava de verdade a namorada, estava feliz assim e não queria mudar. Resolveu deixar como estava, mas mudaria se lhe fosse dado o direito de mudar, até porque acha que, no fundo, todo mundo tem preconceito e a sociedade jamais vai aceitar. Ela se exclui dessa parcela da sociedade preconceituosa.

Hoje em dia, o relacionamento da mãe com a filha, a namorada e os amigos homossexuais é bastante natural. Nilma disse que aceitaria até que a filha namorasse dentro de casa, se não fosse a avó, que mora junto com elas, não aceitar. Desde que a filha tinha 6 anos de idade ela é separada do marido. Acredita que essa ausência do pai pode ter tido alguma influência. Diz que pai e filha têm um relacionamento conturbado.

Atualmente, a mãe admite que até aceitaria um "casamento" homossexual e prováveis filhos adotivos.

Seriam para ela como netos legítimos e, no fundo, já entendeu que vai ser assim, não tem outro jeito. "As mães planejam o futuro de seus filhos desde que eles nascem e a homossexualidade vai contra todos os planos – e isso nos deprime. Tive que perceber que a vida da minha filha não seria o que eu queria para ela, mas sim o que ela quer da própria vida. Não tenho direito de interferir nisso. Prefiro vê-la feliz em qualquer circunstância", concluiu.

Associação Cuidando da Gente

Foi com a idéia de promover a Parada Gay, em Uberaba, que Maurício Moura, 25 anos, empresário e estudante de enfermagem, criou, no ano passado, a

"As mães planejam o futuro de seus filhos desde que eles nascem e a homossexualidade vai contra todos os planos – e isso nos deprime. Tive que perceber que a vida da minha filha não seria o que eu queria para ela, mas sim o que ela quer da própria vida. Não tenho direito de interferir nisso. Prefiro vê-la feliz em qualquer circunstância"

Associação Cuidando da Gente. A realização da Parada exige amparo de uma ONG. Logo de início, conseguiu muitos voluntários interessados em ajudar, mas diz que a associação ainda deixa a desejar quanto a prestar auxílios concretos aos homossexuais. O foco principal dos trabalhos desta ONG gira em torno das DSTs, principalmente a AIDS.

Na Parada do ano passado a organização ganhou 12 mil camisinhas. Seis mil foram distribuídas durante o evento. O restante foi dividido entre as travestis que se prostituem na avenida Marcus Cherem e a população de cidades vizinhas como Conceição das Alagoas, Araxá e Campos Altos, pelo projeto ERIP SUS. A Associação também conta com o auxílio de um advogado voluntário e faz palestras em escolas públicas sobre sexualidade. Certa vez, durante uma dessas palestras, um menino de 14 anos perguntou ao palestrante se um homem poderia engravidar outro homem. "Foi muito difícil tirar essa idéia da cabeça dele e por aí a gente percebe o quanto as pessoas são mal informadas", disse Maurício Moura.

Trabalhar a questão da homofobia e, assim, diminuir a proporção do preconceito na cidade de Uberaba é uma das diretrizes da Associação. Segundo Moura, é necessário incluir os homossexuais no contexto social, sem diferenciá-los ou deixá-los à margem da sociedade apenas por sua orientação sexual.

Sobre o fato de ter aberto a única boate voltada para o público GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) da cidade, Moura disse que a idéia nasceu com a promoção de festas gays há 2 anos. "Tudo começou como uma brincadeira. Achava que Uberaba não tinha festas do gênero e resolvi fazer uma, que por sinal foi muito bem sucedida. Mais de 400 pessoas presentes", relembra. O público pedia bis e, após o sucesso da primeira, ele resolveu continuar. Porém, a segunda foi um fracasso, mas foi a que o ensinou como promover festas sem problemas técnicos.

Numa conversa informal com mais dois amigos, resolveu abrir um bar fixo para o público GLBT. O nome foi escolhido para significar uma casa onde tudo se mistura. Ele ressalta que tenta fazer um ambiente igual aos locais freqüentados por maioria heterossexual, mas que traz atrações voltadas para os homossexuais.

Moura bate muito na tecla do estereótipo criado em torno da homossexualidade, de que são pessoas drogadas, vagabundas ou que se prostituem. E, pensando em mudar essa imagem que ele deseja ver os travestis trabalhando normalmente, sem precisar vender o corpo para conseguir o seu sustento. Acredita também que a auto-estima deles é baixa por conta disso e queria muito reverter esse quadro.

issuu-downloader.com

Mendigos leprosos aterrorizaram sociedade uberabense

Elites da cidade temiam contaminação em massa e, por isso, queriam confinar os doentes em um precário leprosário no bairro Abadia

Ana Paula Jardim
4º período de Jornalismo

Arquivo Lavoura e Comércio

Estão chegando morfeticos a Uberaba

Um torturante problema de Uberaba

Ajuda os leprosos de Uberaba

Casamento e lepra

SOLON FERNANDES

Os artigos do Lavoura e Comércio sobre os leprosos eram muitas vezes hostis e escondiam um falso apelo por esses doentes. Na verdade, as elites temiam apenas que a alta sociedade fosse contaminada pela hanseníase.

A Uberaba dos anos 1940 traz uma mancha em sua história registrada no principal jornal da época, o jornal *Lavoura e Comércio*. Naquela época, a cidade era povoada por dezenas de pessoas portadoras de hanseníase, conhecida como lepra. Esse alto número de leprosos preocupava a alta sociedade uberabense, pois as pessoas se viam diariamente expostas à doença que atingia, principalmente, os mais pobres da cidade.

Na tentativa de conter uma contaminação em massa, os enfermos eram confinados em um leprosário no alto da Abadia para que não tivessem convívio com a sociedade. Nesse lugar de confinamento, segundo o noticiário do *Lavoura e Comércio*, eles contavam com a solidariedade da Sociedade São Vicente de Paulo, que recolhia donativos para ajudá-los como podia. Porém, o lugar não oferecia condições sanitárias de sobrevivência. Doentes, sem poder trabalhar e sem dinheiro, os "lázaros" – como eram tratados por terem a doença de São Lázaro – desciam do alto da Abadia, em seus cavalos, para pedir esmolas no centro da cidade. Situação que comovia e, ao mesmo tempo, indignava a alta sociedade da época.

Os vários artigos da época que tratavam do assunto relatavam uma história de abandono e sofrimento pela qual passavam os hansenianos, mas revelavam sobretudo o preconceito das elites políticas e econômicas e o descaso do poder público. Em publicação datada de 8 de janeiro de 1941, o jornal *Lavoura e Comércio* cita a seguinte expressão para relatar a situação em que viviam os doentes na cidade: "São pobres homens, trapos humanos que perambulam pelas ruas, trazendo pelas rédeas os únicos grandes amigos, seus cavalos".

Outras publicações trazem informações de que um leprosário estaria sendo construído em Belo Horizonte, notícia que alavancou um movimento de senhoras na cidade com a intenção de angariar recursos para enviar todos os doentes de Uberaba para aquela colônia. O movimento foi em vão, porque, de acordo com informações do jornal, o prefeito teria que dispor de recursos financeiros para a manutenção dos doentes no local e a prefeitura alegava não ter o dinheiro.

O fato, literalmente, desesperou a sociedade uberabense e a corrida para juntar recursos contou também com a ajuda de homens da alta sociedade e também dos membros do Rotary Clube – os rotarianos. Porém, nada foi feito na prática e os doentes continuavam confinados e excluídos pela sociedade e pelo poder público, tendo amparo apenas dos vicentinos.

Os morféticos – como também eram conhecidos – eram considerados a escória da sociedade e o referido meio de comunicação não tinha o menor pudor de tratá-los deste modo em todas as publicações. Em geral, esses doentes eram chamados de "infelizes hansenianos"; "doentes de lepra"; "pobres homens"; "infelizes trapos humanos"; "infelizes desgraçados"; "perigosos ambulantes"; "pobres leprosos"; "infelizes criaturas"; "infortunados leprosos", dentre outras classificações.

Repressão policial

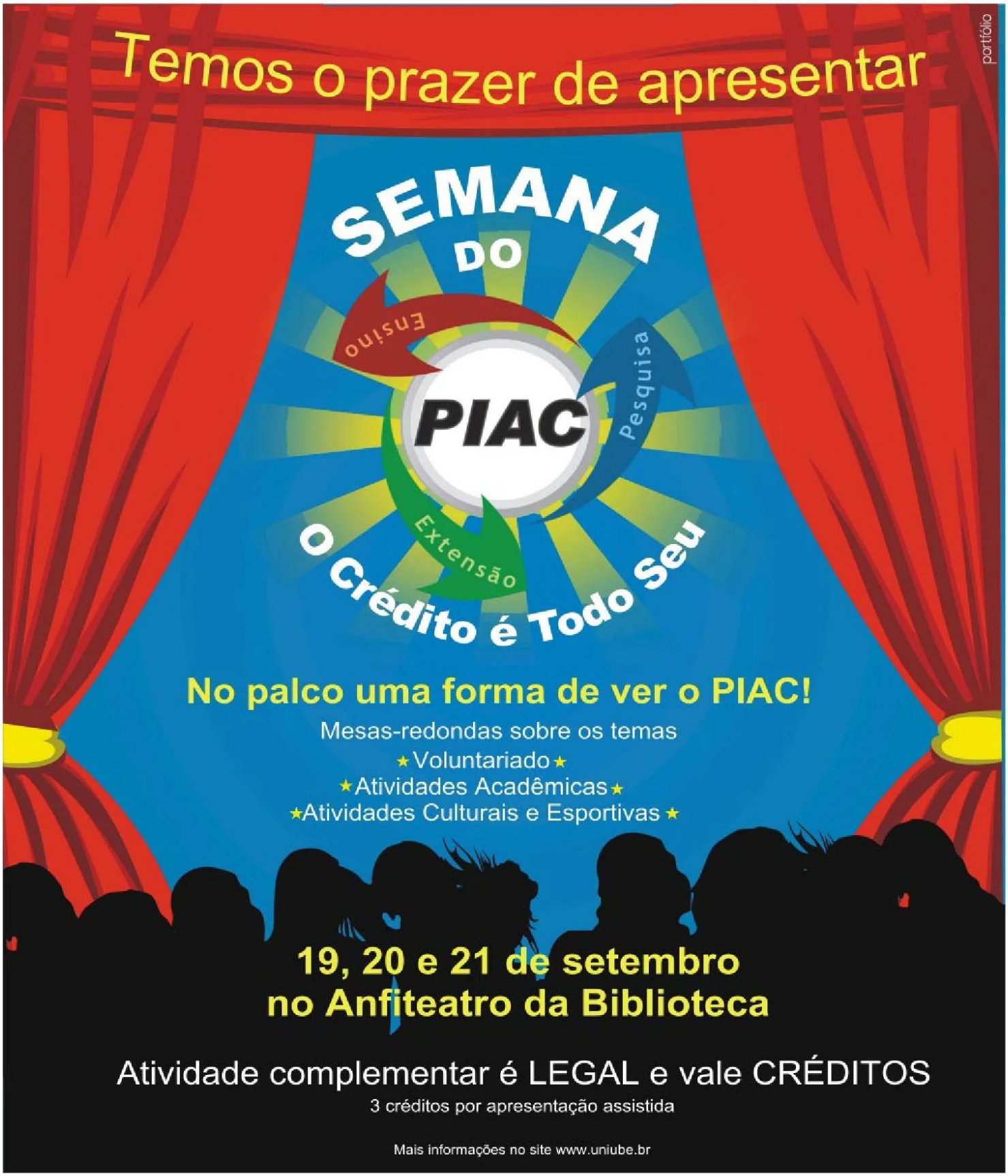
Os doentes também eram vistos como caso de polícia. Em várias reportagens da época, o jornal fazia referências à polícia como repressora dos doentes que saíam do confinamento para pedir esmolas no centro da cidade. Os hansenianos eram considerados rebeldes porque teimavam em andar pelas ruas e não "tinham consciência" de que deveriam ficar longe da sociedade.

Notícias da Agência Nacional, do Rio de Janeiro, que tratavam do assunto, também eram publicadas com destaque. Numa delas, a notícia relatou um casamento entre uma leprosa e uma pessoa saudável. O assunto foi abordado buscando a opinião de um médico, de um padre e do cartório local. Chegou-se à conclusão de que o casamento poderia ocorrer, desde que o casal não vivesse junto. A esposa doente teria que passar os dias numa colônia para leprosos, e o marido saudável viveria com a sociedade. O padre afirma que seria este um "consórcio espiritual", pois o casal poderia se amar espiritualmente, mas sem jamais ter contato físico.

Na publicação de 19 de março de 1940, a notícia principal do *Lavoura e Comércio* dava conta de que leprosos de outras cidades estavam sendo enviados para Uberaba para serem confinados no Alto da Abadia. O trecho a seguir, retirado do jornal, retrata a indignação da sociedade uberabense. "... evitemos que outros e outras nos enviem sua escória física, como se nossa Uberaba fosse um receptáculo de sobras e inutilidades dos municípios circunvizinhos." Consta, nos jornais da época, que a cidade acolheu 41 hansenianos. Não há registros de morte ou transferência destes para outras cidades.

Ou seja, em geral, os artigos do jornal *Lavoura e Comércio* da época apelavam incessantemente para as autoridades locais por uma providência para com os doentes, mas pode-se notar que a preocupação não era pelo estado no qual se encontravam aquelas pessoas, e sim pelo medo de que a alta sociedade fosse contaminada pela doença.

issuu-downloader.com



issuu-downloader.com